

Assim que abria os olhos, só lhe apetecia chorar, incrédula perante os algarismos que surgiam no ecrã do despertador. Seis e cinquenta. Não, não podia ser, se ainda há pouco se deitara, se o corpo ainda pedia descanso, se ainda agora tinha adormecido. Seis e cinquenta, gritavam os algarismos, indiferentes. É assim mesmo, o tempo, indiferente àquilo que nos dá jeito, implacável na sua pontualidade. Sentia, então, nascida das profundezas do seu ser, uma incomensurável vontade de esmurrar o despertador e o senhor que se deitava todas as noites a seu lado. Um senhor que jurara «amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença», mas, Deus Nosso Senhor que lhe perdoasse, nunca fora mencionado «nas infindáveis noites mal dormidas».

Houve um tempo em que lhe chamara «querido», «amor», «meu bem». Um tempo muito longínquo, que a cada dia se assemelhava mais a um sonho. Um tempo em que acordava e se aninhava nele, em que o toque da sua pele lhe provocava algum

desejo, em que faziam amor. Agora, o único desejo que tinha quando o apanhava numa cama era o de o matar, e a única coisa que lhe ocorria chamar-lhe, ao deparar com o seu rosto flácido esborrachado contra a almofada, era animal. «Bom dia, animal, dormiste bem? É que eu não». E ele, de olhos arregalados perante a sua petulância, e ela, segura e decidida a enfrentá-lo, a obrigá-lo a comparecer a uma das inúmeras consultas de roncopia que já lhe tinha marcado, mas da quais ele fugia a sete pés, afirmando que todos os homens ressonam, é assim a vida, ponto final. «É assim, mas vai deixar de ser», era o que ela deveria ripostar, ativa, intransigente. Porém, sabia que jamais teria coragem para tal. Não se lhe podia dizer nada sobre o assunto, que o senhor ficava intratável. Absolutamente intratável. Mais ainda do que em todos os outros dias, em que rosnava em vez de falar e olhava para toda a gente como se estivesse zangado, o sobrolho levantado, duas rugas profundas entre as sobrancelhas. O que explicava também a ausência de vida social. Nenhum dos amigos do casal tinha paciência para o mau humor de Joaquim. Manuela não se lembrava da última vez que tinham sido convidados para um almoço ou jantar.

Não era por ela que evitava alimentar a fúria do marido. Era pelos filhos. E era também por eles que Manuela, todas as manhãs, engolia os seus instintos homicidas com um copo de água e punha um sorriso na cara. As crianças não tinham culpa de nada. Nem as suas, nem as que todas as manhãs se sentavam nas pequenas secretárias a ouvi-la. As crianças não pediram para nascer e já sofriam bastante com o distanciamento que o pai impunha com o constante mau humor. «Pouco barulho», «saíam daqui», «não me chateiem», eram as expressões mais ouvidas lá por casa há vários anos. Anos durante os quais Manuela fizera o papel de mãe e de pai. Fora ela quem ensinara os filhos a an-

dar de bicicleta, a nadar, a jogar à bola... Tardes infindáveis no parque, lutando contra o cansaço e as vozes que lhe diziam *vai para casa, que tens de mudar as camas, vai para casa, que tens de fazer uma panela de sopa, vai para casa, que já há cotão atrás das portas*. Mas as crianças precisavam de brincar e de subir às árvores e o Miguel não tinha um irmão para jogar com ele, apenas uma irmã, que bolas nem vê-las. Então, lá ia Manuela, defender os remates do gaiato, atirando-se para a relva como um jogador profissional, ganhando forças através dos sorrisos e dos gritos de vitória do filho. E o senhor, ora no sofá estendido, ora no sofá esticado. Só ela não tinha tempo para se esticar em nenhum lado.

Em certos dias, quando o corrector de olheiras não conseguia disfarçar as manchas negras sob os olhos e a pálpebra esquerda não parava de tremer, Manuela tentava lembrar-se da última vez que tinha dormido uma noite descansada. Tinha a vaga ideia de como era acordar com energia e vontade de enfrentar o novo dia, mas era mesmo muito vaga. Pensando bem, desde que fora mãe, há treze anos, portanto, nunca mais dormira como devia ser. Talvez umas noites quando passava férias na terra com os miúdos, ou quando ele ia em alguma viagem de negócios (coisa cada vez mais rara, infelizmente), contudo, nunca as noites suficientes para atenuar o seu nível de exaustão. Primeiro, não dormira por causa do choro do bebé; depois, por causa das viroses e dos pesadelos; depois, por causa da gravidez da Cátia, e outra vez o choro, e as viroses, e os pesadelos... Agora, que as crianças estavam mais crescidas e menos dependentes dela, não dormia por causa do ressonar do marido! Sempre sonhara ter três filhos, mas hoje tinha a certeza de que, se tivesse tido outro bebé, não iria aguentar. Aliás, na maior parte dos dias, espantava-se com o facto de continuar funcional, apesar de nunca dormir mais do que três ou quatro horas seguidas. Não admirava que o cabelo se

tivesse coberto de branco tão prematuramente. Parecia ter bem mais do que os seus trinta e oito anos, e até já lhe acontecera andar com a mãe na rua e pensarem que eram irmãs.

Se os constantes despertares nocturnos aconteciam apenas uma ou duas vezes por semana, até se aguentava bem. Mas quando se sucediam por várias noites seguidas, ficava completamente arrasada. Tinha dores de cabeça, tonturas, intolerância aos sons mais altos e uma sonolência que não a abandonava todo o santo dia, por mais cafés que bebesse, e que a abatia sobretudo depois do almoço. Já dera por si a lançar água fria na cara e a fazer flexões no chão da casa de banho da escola. Ouvira dizer que o exercício físico ajudava a dar energia e as breves pausas durante o horário lectivo eram as únicas que tinha para o praticar. Dez flexões bem feitas, de pernas esticadas e tudo. Nada mal para uma mulher quase nos quarenta, dizia para si própria, enquanto lavava as mãos, evitando o reflexo que o espelho lhe devolvia. Isso e o constante correr para conseguir apanhar o comboio, já podia ser considerado fazer exercício, não?

Só que, num belo dia, o inevitável aconteceu. Manuela estava tão cansada, mas tão cansada, que não tinha energia sequer para falar, decidindo, por isso, pôr os alunos a verem um filme logo à primeira hora. Adormeceu na sala de aula ao fim de poucos minutos, o que, se virmos bem, não foi assim tão estranho: as persianas corridas, os alunos em silêncio, o casaco de malha pelas costas, o lugar ao fundo da sala... Ainda o filme estava no genérico inicial, já Manuela sentia uma enorme dificuldade em focar as imagens, dificuldade essa que logo se transformou num cerrar das pálpebras e num lento tombar da cabeça sobre os braços. Ao princípio, as crianças nem sequer se aperceberam do sucedido. Estavam tão concentradas no filme, que nenhuma delas se lembrou de olhar para a fila de trás. Quando este terminou,

porém, estranharam que a professora não tivesse acendido a luz de imediato, evitando a excitação que dominava a sala sempre que se distraía e deixava que a música final se fizesse ouvir. Era sempre um alvoroço, com as vinte e cinco crianças aos pulos, algumas em cima das mesas, a exibirem umas às outras frenéticos passos de dança. Se o filme fosse o *Madagáscar*, então, era mesmo um pandemónio. Mas não disseram nada, claro. Dançaram e pularam e gritaram, até ao último segundo, quando o ecrã ficou a negro e a música chegou ao fim. Foi nessa altura que uma das crianças decidiu acender a luz e todos deram com a professora abatida sobre a mesa.

Uns entraram em histeria, gritando a plenos pulmões, outros tentaram acordar Manuela dando-lhe valentes safanões, mas a verdade é que ela parecia estar morta. Antes de terem tempo de correr para fora da sala para chamar um adulto, já a auxiliar estava na sala e a directora da escola a caminho, que isto de gritos de crianças é coisa que facilmente atravessa várias paredes e andares. Endireitaram Manuela na cadeira e deram-lhe palmadinhas no rosto, sem obter nenhuma reacção. Tentando manter a presença de espírito, a directora pôs os seus óculos em frente do nariz de Manuela e suspirou de alívio ao ver que a lente ficou embaciada, sinal de que respirava. Tomou-lhe o pulso, que revelava batimentos cardíacos normais, setenta e cinco batimentos por minuto e, por fim, chamou o INEM. Nem dez minutos passaram até que Manuela partisse na ambulância amarela, perante os olhares assustados das crianças e a apreensão geral dos adultos. Que raio de fanico lhe teria dado?



Quando Joaquim chegou ao hospital, tinha o coração nas mãos. Ao telefone, ninguém lhe soubera explicar o que tinha aconteci-

do à mulher e a falta de explicações só podia ser sinal de uma certa gravidade. Pelo caminho, ignorando os radares de velocidade, ligou ao irmão para que fosse buscar os miúdos às respectivas escolas e os levasse para casa dele, até quando, não sabia, respondeu com brusquidão. Era uma emergência, ora bolas! Havia alguma necessidade de perguntas parvas, como aquela? Estacionou o carro ocupando dois lugares e maldizendo que, ao fim de tantos anos, Manuela continuasse a dar aulas a cinquenta quilómetros de casa, e correu até à recepção. Com o seu mau humor costumeiro, indagou pela mulher e esperou que a funcionária consultasse o computador com uma serenidade que contrastava com a sua irritação. Treinada para ignorar as bestas quadradas, que já se sabe que os familiares dos doentes estão sempre sob enorme tensão, a funcionária sorriu-lhe e indicou o piso de Neurologia.

O elevador estava cheio e parou em todos os andares até chegar ao quinto. Joaquim, impaciente, sentia o coração a bater cada vez mais fora de compasso. Devia ter ido pela escada, seria mais rápido, pensou quando deparou com uma velhota a impedir as portas de se fecharem com o andarilho, entrando vagarosamente naquele espaço tão lotado. Finalmente chegado ao piso de Neurologia, as portas abriram-se e Joaquim nem precisou de perguntar a uma enfermeira onde devia dirigir-se, pois uma comitiva de sete médicos, decerto alertada pela recepcionista, estava à sua espera.

— Deve ser o Sr. Joaquim, certo? — perguntou um médico de bigode retorcido, estendendo-lhe a mão.

— Sou, sim.

— José Franco, neurologista.

— E a Manuela? — indagou, aflito.

— Ora, a Manuela está bem, está a ser observada e terá de permanecer aqui durante algum tempo.

— Ficar aqui algum tempo? Quanto tempo?

— Por favor, acompanhe-me, por aqui — respondeu o médico, encaminhando-o para um pequeno consultório, pequeno de mais para tamanha equipa, formada por médicos de diferentes especialidades, da psiquiatria à pneumologia, que ainda assim se acomodou como pôde.

— Bom, na verdade, não lhe sabemos dizer quanto tempo.

— Mas o que é que ela tem? O que aconteceu?

— Ainda é muito prematuro tirar alguma conclusão, até porque acabou de ser admitida, mas, pelo que nos é permitido observar, a sua mulher está apenas a dormir.

— A dormir? Mas, tipo, em coma?

— Não nos parece que seja um estado comatoso, pelo menos a avaliar pela TAC que já lhe fizemos e que não revela nenhuma lesão cerebral. Por outro lado, as análises também não revelam intoxicação, nem problemas metabólicos ou endócrinos. Aparentemente, está na fase N3, isto é, sono profundo.

— Bom, mas, se está apenas a dormir, porque é que não a acordam?

— Porque...

— Porque não estamos a conseguir acordá-la — disse uma médica jovem e despachada.

— Como assim, não conseguem acordá-la?

— Sempre que a abanamos ou beliscamos — prosseguiu o Dr. Franco — a Manuela simplesmente resmungua qualquer coisa imperceptível e vira-se para o outro lado, aninhando-se de novo na cama. Se estivesse em coma, não se moveria assim, não é verdade?

— Então, mas e agora?

— Agora teremos de aguardar para ver como evolui a situação.

— E vão fazer mais exames?

— Sim, claro. Já está agendada uma ressonância magnética e outros exames que me vou escusar a explicar-lhe o que são, mas fique descansado, que ela está nas melhores mãos.

— Embora nunca tenhamos visto nada assim — acrescentou a médica despachada, perante um olhar de censura do Dr. Franco.

— Então é grave, não é? — perguntou Joaquim, com os olhos a encherem-se de lágrimas.

— Não necessariamente, quer dizer, ao que nos foi permitido ver até agora, a sua mulher está apenas a dormir como uma pedra. Temos mesmo de aguardar por mais exames e observações.

— Posso vê-la?

— Claro que sim — respondeu o médico, levantando-se.

Joaquim foi atrás do médico até uma sala onde havia vários monitores. Num deles, viu a mulher, aparentemente a dormir descansada, parecia até que com um ligeiro sorriso.

— Este é o posto de controlo do Centro do Sono. É aqui que estamos a analisar o sono da sua mulher, dure o tempo que durar. Até agora, como pode ver neste gráfico, os valores estão normais e revelam que a sua mulher está apenas num estado de sono profundo, pelo menos desde que está a ser monitorizada. Fase N3, não há dúvidas, vê?

— Mas posso entrar no quarto? Talvez eu consiga acordá-la — sugeriu Joaquim.

— Claro, era mesmo isso que pretendíamos. Os doentes comatosos reagem muitas vezes às vozes dos familiares, por isso, talvez o mesmo aconteça com a Manuela, se bem que, repito, ela não esteja em coma.

O quarto era logo ali ao lado e Joaquim entrou sozinho. Pé ante pé, aproximou-se da cama e lançou-se num pranto assim

que viu a mulher deitada, cheia de tubos enfiados pelo nariz e fios a saírem por todo o lado. Que imagem, meu Deus, que imagem! Respirou fundo, limpando a cara às mangas da camisa, e pegou-lhe na mão que não tinha um cateter espetado, uma vez que não podia nem ver agulhas, que horror.

— Manelinha — sussurrou, com a voz trémula. — Manelinha, sou eu, minha bebé. Estou aqui. Já podes acordar, sim? Bem sei que tens andado cansada, e que não tenho sido grande ajuda, mas podes dormir em casa, está bem? Prometo que te deixo ficar com a cama só para ti. Que dizes? Durmo no sofá, sem problema. Vá lá, Manelinha. Acorda, por favor.

Esperou por uma resposta da mulher, enquanto lhe passava a mão que estava livre pelos cabelos, num gesto desajeitado, como se tivesse esquecido de como dar um carinho. Depois, muito a medo e um pouco acabrunhado por saber que estava a ser filmado, atreveu-se a dar-lhe um beijo, na esperança de resolver a coisa como numa história da carochinha. Não obtendo nenhuma reacção, insistiu no seu apelo, num tom mais desesperado.

— Manelinha, pá, não te preocupam os miúdos, coitadinhos? Sem a mãe para cuidar deles? E os teus meninos da escola, aqueles anjinhos? A directora disse-me que ficaram muito traumatizados, que achavam que tinhas morrido. Acorda lá, vá, por eles também. Podes ligar-lhes e tudo, para que não se preocupem mais e durmam descansados. Que dizes? Pelas minhas contas, já estás a dormir há umas quatro horas. Não faz bem dormir sextas tão grandes, sabes bem. Talvez até fiques com insónias, não é o que me dizes quando adormeço no sofá durante o dia? Manelinha, ó Manelinha, acorda lá. Olha que se ficares aqui vão fazer-te mais exames. Tu não tens medo? Anda lá para casa. Acordavas agora, davam-te alta e ainda chegávamos a casa a tempo do jantar. Mas não te preocupes, que hoje não tens de cozinhar, nem nada

que se pareça. Eu compro um frango assado, hum? Que dizes? Vamos acordar, vamos? Manelinha! Ó Manelinha, meu Deus, tu não te apagues, Manelinha!

Joaquim explodiu em pranto e teve de ser retirado do quarto por um enfermeiro. «Tenha lá calma, homem, ela está bem, nós estamos aqui para nos assegurarmos disso», disse o enfermeiro num tom alegre, para o espevitar. No átrio do quinto piso, os médicos aguardavam por Joaquim para lhe dizerem que fosse para casa descansado, que lhe ligariam se houvesse alguma alteração ao estado clínico da mulher. Mesmo que ela, por hipótese, acordasse nas próximas horas, teria sempre de ficar mais um ou dois dias internada, até se certificarem de que o estranho caso não voltava a acontecer, pelo que, não adiantava nada ficar ali a olhar para ela. Era melhor ir andando, conversar com as crianças. Tudo ficaria bem. Ele ouviu aquelas palavras tranquilizadoras enquanto limpava as lágrimas, e abraçou com força o enfermeiro que permanecia a seu lado. Também quis abraçar o médico, mas este recuou dois passos, retorcendo o bigode e dando-lhe apenas uma palmadinha nas costas. Joaquim entrou no elevador, que voltou a parar em todos os andares até chegar ao rés-do-chão, e caminhou até ao carro, cabisbaixo, perguntando-se o que seria de si sem a mulher.



Os dias passaram, depois as semanas, e Manuela não acordava nem por nada. Os exames estavam todos impecáveis e os médicos não sabiam muito bem o que tentar a seguir. Reuniam-se no Centro do Sono a observar o monitor e os registos minuciosos, espantados com tal situação. Vieram inclusive médicos das mais conceituadas universidades do mundo, mas nenhum deles tinha

alguma vez ouvido falar de um caso assim e todos regressavam a casa com mais perguntas do que respostas. Manuela era um fenómeno, um caso único, nunca antes visto.

É que, logo no primeiro dia, umas horas depois de o marido se ter ido embora, Manuela levantou-se da cama. A enfermeira responsável correu para o quarto e começou a falar com ela. «Ai, que bom que já está acordadinha, deve ser um milagre.» No entanto, Manuela, sem abrir os olhos, apenas lhe perguntou onde era a casa de banho e dirigiu-se à porta indicada, arrastando com ela o carrinho do soro com naturalidade. Fez as suas necessidades sem responder a nenhuma das perguntas que a enfermeira lhe atirava e voltou para a cama, onde se aconchegou com satisfação. Quando os médicos, alertados para a emergência, chegaram ao quarto, Manuela voltara a um estado de sono profundo. Analisaram os dados e perceberam que, na verdade, nunca saíra desse estado, nem quando falou com a enfermeira. Fase N3, sem nenhuma sombra de dúvida, estava ali, registado. Como era possível, ninguém sabia. O mesmo aconteceu em todos os outros dias, pelo menos três vezes em cada um deles, menos a parte de perguntar onde era a casa de banho, que isso a paciente aprendeu à primeira, mesmo com os olhos cerrados, como se tivesse vivido toda a vida naquele quarto.

E havia mais: os médicos depressa descobriram que Manuela não precisava de ser alimentada com soro, sondas ou o diabo a quatro. Assim que a enfermeira se abeirava dela e lhe perguntava se queria comer, Manuela sentava-se na cama, sempre de olhos fechados, e abria a boca em resposta. Comia o que lhe dessem sem se queixar, fosse sopa, puré ou um copo de leite. Gostava especialmente de copos de leite, sobretudo se estivesse morninho. Depois, voltava a deitar-se, como se nada fosse, com ar de muita satisfação. Nem sequer para fazer a higiene Manuela

acordava. Obedecia às instruções, levante o braço, agora o outro, como fazem as crianças quando lhes vestimos uma roupa enquanto dormem, e pumba, deitava-se outra vez. Volta e meia, até se enfiava no chuveiro a tomar banho sozinha, perante a assistência do batalhão de médicos e enfermeiros, céleres a tirarem notas e mais notas, que aparentemente não serviam para nada. Ou talvez servissem para estudos futuros, congressos e artigos científicos, mas que, à data, estavam a ser inúteis para encontrar uma causa e uma solução para tamanho problema.

Durante todos esses dias, Joaquim foi visitar a mulher, maldizendo o trânsito, o preço do combustível, as portagens e o patrão, que lhe começara a descontar as horas em que ausentava. Estava espantado com as notícias diárias que lhe iam dando, sobretudo porque, quando ele estava no quarto, Manuela não se movia sequer. Ainda assim, continuava a falar-lhe ao ouvido. Manelinha, tu acorda, olha que os meninos têm saudades tuas, o Miguel tirou negativa a matemática e a Cátia fez chichi na cama. E sabes lá o que é mudar de lençóis e de pijama às quatro da manhã, ou melhor, tu até sabes, mas nunca me tinhas dito que era tão difícil... Manelinha, já pedi à minha mãe para se mudar lá para casa até tu voltares, que eu não dou conta do recado. Andava a alimentar os putos a *McDonalds* todos os dias. Eles não se queixaram, mas eu engordei quase dois quilos... Manelinha, eu não posso continuar a vir cá todos os dias. Para a semana, só venho duas vezes, está bem? Estou muito cansado para andar todo o dia para trás e para a frente e o Jorge já anda em cima de mim... Manelinha, que vida é a tua, mulher? Só falas com a enfermeira, é? Não dizes nada? Olha, então também não digo. Vou-me embora. Adeus.

Lá ia ele, irritado, ignorando que Manuela nem com a enfermeira falava. Além daquela primeira vez em que perguntou onde

ficava a casa de banho, só se fazia ouvir quando as perguntas dos médicos eram demasiado insistentes. Aguentava cinco ou dez minutos de interrogatório, muda e calada, os olhos fechados, claro, a respiração profunda, até proferir um «deixem-me dormir», em tom de resmungo. Então, punha a almofada em cima da cabeça e só saía dessa posição quando todos abandonassem o quarto.

Ao fim de três semanas, o Dr. Fausto chamou Joaquim ao seu gabinete, onde se encontrava também o séquito de colegas especialistas.

— Sr. Joaquim, diga-me uma coisa: até este episódio acontecer, há quanto tempo é que a sua mulher não dormia uma noite inteira?

— Bom, quer dizer, er... Não sei...

— Pense lá bem. Um mês? Um ano?

— Deixe cá ver... Agora que fala nisso, realmente ela já anda a chatear-me que ressono há mais de um ano. Espere lá, não, um ano não. Foi há mais tempo, que quando a Cátia fez quatro até tivemos uma discussão. Eu lembro-me porque fui dormir para a sala e apanhei um susto do caraças quando abri os olhos e tinha um unicórnio a olhar para mim. Era um balão, daqueles de hélio, sabe, muito grandes e metalizados.

— E esse episódio foi há quantos anos?

— Há três. A miúda já tem sete.

— Portanto, há pelo menos três anos que a sua mulher dorme mal devido ao facto de o senhor ressonar, certo?

— Certo — admitiu Joaquim, um pouco envergonhado.

— E antes disso, ela dormia bem?

— Bom, a verdade é que também não. Desde que o nosso primeiro nasceu, que ela nunca mais deixou de ter aquelas olheiras,

sabe? Mesmo esverdeadas. Mas é normal, não é? As mães nunca dormem bem nos primeiros anos dos bebês. Depois nasceu a Cátia, e foi o cargo dos trabalhos. Dizia ela! Nessa altura, era ela quem dormia no quarto com a miúda. Eu não podia ser incomodado, que estava a trabalhar, não é?

— Quantos anos tem o seu filho?

— Treze.

— Então, o que me está a dizer é que a Manuela não dorme uma noite mesmo descansada há treze anos.

— Pois, agora que fala nisso, é bem capaz — apercebeu-se Joaquim.

— Então, parece-me que já sabemos o que está a acontecer — afirmou o Dr. Franco, olhando para os colegas, que assentiam com um sorriso.

— O quê? O quê?

— A Manuela tem aquilo a que daqui para a frente designaremos por a Síndrome da Mãe Exausta, que é quando o corpo está a compensar vários anos de noites mal dormidas. No caso dela, treze anos.

— E isso tem cura?

— Não, porque não é bem uma doença. Ela come, faz as necessidades e a higiene sozinha, os exames estão todos perfeitos. A única coisa que a Manuela precisa é de dormir.

— Mas já está aqui a dormir há três semanas! Não chega?

— Pois. É aí que entram as más notícias: ela tem de dormir os mesmos anos que lhe foram roubados.

— Mas isso não faz sentido! Treze anos?

— Calma, na verdade, não são treze anos, porque o dia tem vinte e quatro horas, mas um adulto só precisa de dormir oito, ou seja, um terço do dia. Além disso, vamos contabilizar apenas doze anos, já que damos o desconto de a paciente ter tido duas

gravidezes, dois bebês, etcétera, e mais outro desconto de noites que qualquer pessoa dorme mal porque tem dor de barriga ou preocupações de vida, não é? Assim sendo, estamos a falar de um défice de sono na ordem dos quatro anos, ou, mais concretamente três anos, onze meses e uma semana.

— Tem de haver uma maneira de acordá-la! — Exclamou Joaquim, baralhado com as contas. — Não acha que ela está só a fingir?

— Garanto-lhe que não está. É tecnicamente impossível simular o sono profundo. Os registos da Manuela são inequívocos.

— Então, e agora?

— Agora, vai ter de levá-la para casa, porque não podemos ter uma pessoa saudável a ocupar um quarto durante mais três anos, onze meses e uma semana, não é? No entanto, antes de lhe dar alta, gostaríamos de experimentar uma última coisa, pelo que precisamos de si.

— Tudo o que quiser, doutor — prontificou-se Joaquim, na esperança de que lhe resolvessem o problema.

— É apenas uma experiência, uma teoria que queremos testar, ninguém garante que funcione, entende?

— Claro, diga, por favor!

— Durante alguns anos, o que acordou a sua mulher foi o choro dos filhos pequenos, certo?

— Certo.

— E nos últimos anos, o que a acorda é o seu ronco, não é?

— Diz que sim.

— Ora, como não podemos replicar o choro das crianças quando eram pequenas, uma vez que já são bastante grandinhas, a nossa única hipótese de acordar a Manuela é utilizar o seu ronco.

— Então isso que dizer que...

— Isso mesmo. Vai ter de adormecer numa camita ao lado da dela e fazer o que já sabe fazer tão bem, que é ressonar toda a santa noite.

— Não me diga?

— Ai digo, pois.

Assim disse o médico, assim aconteceu. Na noite seguinte, Joaquim deu entrada no Centro do Sono para dormir ao lado de Manuela, na esperança de acordá-la com o seu sonoro roncar. Ficou alarmado quando lhe disseram que também tinha de colocar toda uma parafernália de tubos e coletes, medidores disto e daquilo, preocupado com a hipótese de, no meio de tudo, não conseguir adormecer, quanto mais ressonar. Porém, era uma preocupação tola. Mesmo tendo levado muito tempo a adormecer, entre a estranheza de uma cama nova, os tubos enfiados no nariz e a mulher ali estendida a dormir como se nada fosse, Joaquim acabou por cair num sono profundo e não demorou muito até começar a ressonar violentamente. E quando dizemos violentamente, estamos a ser simpáticos. Na verdade, era um ressonar que nem parecia humano, de tão ruidoso.

Os enfermeiros acorreram ao quarto assustados. Na sala de observação, o técnico até pulou da cadeira. Houve mesmo doentes que se levantaram das camas para ver o que se passava. Era como se, naquele quarto, estivesse um porco furioso. Agora, sim, todos compreendiam a razão pela qual Manuela não dormira durante tantos anos.

Foi então que o milagre aconteceu: ao ouvir o ronco do marido, Manuela levantou-se da cama num pulo, desta vez de olhos bem abertos e gritou «Nãããããoooooooo!» Assim mesmo, bem longo e audível. Desta feita, foi Joaquim, quem se virou para o outro

lado, enterrando a cabeça na almofada, ignorando o alvoroço que se instalou no quarto nos minutos seguintes. O Dr. Franco apareceu de imediato, retorcendo o bigode como era seu hábito, muito cheio de si e do método que tinha encontrado para despertar Manuela. O registo mostrava que a doente estava definitivamente acordada. Heureka! Descobrir a solução!

Ladeado pela sua equipa, levou-a para um gabinete mais reservado, onde cada médico teve oportunidade de examiná-la, conforme a sua especialidade, e interrogá-la. Sabe onde está? Que dia é? Como se chama? Lembra-se de onde estava quando adormeceu? Descreva o seu dia. Esteve a sonhar? Ouvia alguém a falar consigo enquanto dormia? Manuela, ainda meio estremunhada e um pouco envergonhada ao reparar que não tinha nada vestido por baixo da bata de hospital, foi respondendo ao que se lembrava. Sabia dizer o nome e já tinha percebido onde estava, embora ainda não lhe tivessem explicado a razão. Pensava que ainda estava no dia em que adormecera, dois de Março, e descreveu esse dia com pormenor até ao momento em que entrou na sala de aula e decidiu que, em vez de leccionar, ia pôr os miúdos a verem um filme. Lembrava-se claramente de ter fechado as persianas, carregado no *play* e de se ter recostado na cadeira, mas nada mais depois disso.

Os médicos anotavam tudo, frenéticos, caso nunca visto, tinham de ser minuciosos para memória futura. Podiam estar à beira de um grande avanço científico, quiçá uma nomeação para o Nobel da Medicina. De repente, o ronco de Joaquim começou a ouvir-se mesmo a várias salas de distância e os médicos aperceberam-se de que, a cada ronco, Manuela piscava o olho de maneira estranha, encarquilhando, ao mesmo tempo, os dedos dos pés. «Sintoma histeriforme», disse logo a médica atrevida. «Stresse pós-traumático», disse outro dos médicos.

«Enfermeira, traga uns auscultadores de bloqueio de som, por favor», disse o Dr. Franco, querendo pôr fim ao sofrimento da paciente. Manuela foi, então, encaminhada para a ala oposta daquele piso, onde lhe explicaram o que lhe tinha acontecido desde a fatídica manhã de dois de Março. Custou-lhe muito acreditar, mas, por outro lado, só podia ser verdade, já que se sentia como há muito não se sentia: leve, revigorada, feliz.

Na manhã seguinte, quando Joaquim acordou e não viu a mulher na cama do lado, entrou em pânico. Saiu quarto fora, a bata desabotoada nas costas, deixando antever as nádegas, direito à enfermeira que o tentava acalmar. Só descansou quando reparou em Manuela, acordada, sentada ao lado do Dr. Franco, a pele fresca e luminosa, sem nenhum vestígio de olheiras, já vestida com as próprias roupas. Era um milagre! Um verdadeiro milagre! Abraçou-se à mulher como se a tivesse visto regressar do mundo dos mortos e só depois de se acalmar deixou que o levassem para uma série de exames. Até que enfim, iam descobrir o que estava por detrás daquele ronco animalesco.

Várias horas e exames depois, o Dr. Franco juntou marido e mulher no seu gabinete e anunciou que o caso estava resolvido. Os outros médicos também estavam presentes e aplaudiam com entusiasmo.

— Manuela, tal como já tínhamos referido ao seu marido, a senhora sofre da Síndrome da Mãe Exausta.

— O quê? Nunca ouvi falar de tal coisa... — disse Manuela, espantada.

— Pois não, é uma síndrome nova que identificámos consigo.

— Parabéns — exclamou a médica atrevida. — É o primeiro caso no mundo, mas temos a certeza de que haverá muitos mais, que possivelmente ainda não chegaram ao extremo do

seu. De qualquer forma, é um avanço notável na investigação médica.

— Ai sim?

— Sim — disse o Dr. Franco. — A Síndrome da Mãe Exausta é quando uma mulher está tão cansada que adormece durante tempo indeterminado, até o corpo compensar todas as horas não dormidas que acumulou ao longo dos anos.

— E pode voltar a acontecer? — perguntou Manuela, apreensiva.

— É capaz, sim — respondeu o Dr. Franco. — Depende do nível de exaustão. Claro que agora está revigorada e pode demorar anos até voltar a sofrer um episódio destes. De qualquer forma, não tem nada que temer, uma vez que, agora, caso aconteça, já temos um antídoto.

— Que antídoto?

— Sempre que adormecer desta forma profunda e contínua, isto é, por mais de vinte e quatro horas seguidas e sem que ninguém a consiga acordar, alguém da sua família só tem de carregar no *play* deste ficheiro áudio.

— E o que está aí?

— O ronco do seu marido.

— Espantoso!

— E sem recurso a farmacologia — notou a médica.

— Bravo! — Exclamou outro médico, não contendo o entusiasmo.

— Quanto ao senhor Joaquim — continuou o Dr. Franco, olhando para o homem expectante —, o estudo que lhe fizemos mostra que o meu amigo tem uma alteração anatómica que torna a via aérea mais estreita e é isso que o faz rressonar.

— Isso e um pouco de excesso de peso — disse a médica, apontando para a barriga proeminente de Joaquim.

— Mas nada tema! O problema pode ser facilmente resolvido com uma cirurgia ortognática, para corrigir a posição da mandíbula.

— Tenho de ser operado? — Perguntou Joaquim, em pânico.

— E o mais depressa possível. Até lá, vai ter de dormir noutra divisão, ou, de preferência noutra casa, já que, pelo que todos pudemos ouvir ontem à noite, o seu caso é grave e a Manuela está em convalescença.

— Mas qual é o problema de ela me ouvir ressonar mais umas noites, até ser operado?

— Stresse pós-traumático. Já ouviu falar?

— Sim, mas isso é para a malta que vai à guerra.

— Acredite que o corpo da sua mulher anda a travar uma guerra todas as noites há vários anos. Não podemos sujeitá-la a nem mais uma noite dos seus roncos. Se a Manuela voltar a dormir mal, é muito provável que volte a adormecer por tempo indeterminado ao fim de pouco tempo. E ainda não temos dados para perceber se isso pode deixar sequelas a longo prazo.

— Mas...

— Estão aqui os papéis. Alguém lhe ligará do hospital para marcar a cirurgia nos próximos dias. Da nossa parte, é tudo. Fiquem bem.

Os médicos saíram todos deixando Manuela e Joaquim a interiorizarem o que tinham acabado de ouvir. Ela só queria gritar de alegria, mas manteve-se contida. Não podia atirar a sua felicidade à cara do marido, que tremia de medo e estava prestes a chorar. Tinha de pensar nos sentimentos dele, acima dos seus. Já no carro, após um longo silêncio, Joaquim anunciou:

— Quero ouvir uma segunda opinião.

— Mas tiveste a opinião dos vários médicos da equipa. Eram seis e todos concordaram com o Dr. Franco.

— Não! Quero ir ao outro hospital, ouvir outra equipa.

— Ó amorzinho, mas o que é que te custa aceitar? É só uma cirurgia, ao fim de um mês estás recuperado e nunca mais passamos por uma situação destas. É a solução para todos os nossos problemas. Para sempre!

— Mas tenho logo de ser eu a ser operado? Por isso é não queria vir a estas consultas, estava-se mesmo a ver. Uma pessoa pode estar bem, que os médicos encontram sempre qualquer coisa. Gostam mesmo é de abrir, cortar, chafurdar no sangue.

— Joaquim, pelo amor de Deus, há noites em que até os vizinhos tu acordas...

— Lá agora!

— Porque é que achas que te olham de lado quando se cruzam contigo?

— Não pode ser...

— Vá lá, fazes isso por mim, fazes? Pelos miúdos?

— Que remédio tenho?

— Tens outro remédio, sim.

— A sério? Qual? Qual? — perguntou Joaquim, cheio de esperança numa alternativa à cirurgia. Só de pensar nas agulhas, até se arrepiava.

— O divórcio.

E foi assim que Manuela, a paciente zero da Síndrome da Mãe Exausta, energizada por três semanas de sono, conseguiu enfrentar o marido pela primeira vez. Não estava disposta a sacrificar-se mais por ele. Era jovem e tinha uma vida pela frente. Uma vida para ser vivida em pleno, com alguém que quisesse estar realmente ao seu lado, e não acima. Joaquim acabou por

se render às evidências e foi operado na semana seguinte. O casal voltou a dormir aquilo que é costume chamar-se o sono dos justos e, todas as manhãs, quando o despertador toca, Manuela aninha-se em Joaquim com carinho, sussurrando-lhe ao ouvido um «bom dia, meu amor».